



Por Trás da Palavra

Revista do Centro de Estudos Bíblicos - CEBI
São Leopoldo, Março-Abril de 2018. Ano 38. Nº 225

Escola Sem Partido

MORDAÇA

Fundamentalismo e Intolerância na Educação

RETROCESSOS

IDEOLOGIA DE GÊNERO

Estimada/o assinante!

Quando iríamos imaginar que nossos debates atuais girariam em torno de temas como Fundamentalismos e Intolerâncias?

Com tantos avanços da modernidade estamos regredindo em cidadania, solidariedade, compaixão. As pessoas estão, novamente, se fechando em feudos, guetos, sem abertura para o diálogo, para a diversidade.

Conforme definição em Assembleia Nacional, o CEBI elegeu para o próximo triênio 2018-2020 o eixo temático **Superação de Fundamentalismos e Intolerâncias**, visto que esses assuntos voltaram com força total ao debate na sociedade.

Nesta edição do *Por Trás da Palavra* é abordada a temática mencionada acima no âmbito da **Educação**. Para tanto, temos o texto de abertura de Élbis Pires de Almeida, que apresenta de forma geral as mudanças recentes no campo da Educação, em especial os retrocessos.

Na sequência temos o texto de Miriam Fábis Alves que apresenta em detalhes o **Programa Escola sem Partido**, cujo objetivo principal é a censura e intervenção nas escolas.

Outra polêmica no campo da Educação é a **Ideologia de Gênero**. Amarildo Rodrigues Monteiro faz uma retrospectiva histórica sobre a origem do termo e suas implicações no momento atual. Infelizmente ainda há muita confusão e pouco consenso em relação ao tema.

Educação para ir ao encontro da Sabedoria é o texto de Ir. Mercedes Lopes, com enfoque bíblico para contribuir no debate sobre Educação a partir do livro da Sabedoria.

Outro enfoque bíblico é trazido pelo Pr. Claudio da Chaga Soares no texto **A Prática Libertadora de Jesus no Enfrentamento aos Fundamentalismos e Intolerâncias**. A partir do Evangelho de Mateus, pastor Cláudio faz a reflexão da prática de Jesus uma vez que Ele é retratado como aquele que exige do seu ouvinte o compromisso com a justiça.

A partir desta edição é apresentada uma novidade! Trata-se de um **Roteiro para Círculo Bíblico!** Nas páginas 13 e 14 você poderá conferir o roteiro elaborado por Pedro Caixeta, embasado no tema que permeia o PTP. Este roteiro pode ser recortado e levado para qualquer lugar.

Por fim, são trazidas algumas notícias das atividades de Leitura Popular da Bíblia realizadas pelo CEBI no Brasil afora.

Esperamos que apreciem e aproveitem o conteúdo elaborado. As próximas edições irão abordar **Fundamentalismos e Intolerâncias nas Religiões e Nas Questões de Gênero**.

Continuamos no empenho para colocar o envio do material em dia. Agradecemos novamente a compreensão de todas e todos.

Boa leitura e até a próxima.

03

FUNDAMENTALISMO E INTOLERÂNCIA NA EDUCAÇÃO

04

PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO

06

IDEOLOGIA DE GÊNERO. QUEM DISSE QUE NÃO EXISTE?

08

EDUCAÇÃO PARA IR AO ENCONTRO DA SABEDORIA

09

ADORAR EM ESPÍRITO E VERDADE

10

A PRÁTICA LIBERTADORA DE JESUS

13

A EDUCAÇÃO QUE PROVOCA, LIBERTA E TRANSFORMA

20

SALA DE LEITURA



Por Trás da Palavra é uma publicação bimestral do Centro de Estudos Bíblicos

Equipe Editorial: Maribel Lindenau, Gabriela Wenzel, Conceição Evangelista, Maria de Fátima Castelan, Pedro Caixeta e Rafael R. Silva.

Direção Nacional do CEBI: Rafael R. Silva, Maria de Fátima Castelan e Lúcia Dal Pont Sirtoli.

Diagramação e Arte-finalização: PUB Editorial.

Endereço: Rua João Batista de Freitas, 558. Caixa Postal 1051 - Scharlau - 93121-970 - São Leopoldo - RS.

Fone: (51) 3568-2560; **E-mail:** publicacoes@cebi.org.br. **Site:** cebi.org.br.

Para assinaturas, ligue: (51) 3568-2560 ou mande mensagem para o Whatsapp 51.99734.4518 / vendas@cebi.org.br.

Assinatura Singular Simples (sem o PNV): R\$ 38,00. **Assinatura Singular 10** (dez assinaturas no mesmo endereço, sem o PNV): R\$ 342,00.

Assinatura Conjugada Simples (com o PNV): R\$ 77,00. **Assinatura Conjugada 10** (dez assinaturas no mesmo endereço, com o PNV): R\$ 693,00.

Assinatura Conjugada Internacional: Europa: 50 Euros; América Latina: 55 Dólares; América do Norte: 60 Dólares; África: 60 Dólares; Ásia: 120 Dólares.



A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Lei no 9.394/1996 - Artigo 2º da LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

Tendo como ponto de partida a ideia de liberdade, solidariedade e exercício pleno de cidadania que deveria permear o processo educativo, seria fácil presumir e afirmar que a educação e o ambiente escolar são espaços livres de intolerância e fundamentalismos. Infelizmente essa não é realidade de nossas escolas e da educação brasileira. Como reflexo da conjuntura política e social que vivemos nos dias atuais, os nossos educandos e educadores estão em meio ao debate do papel e da função da educação nos debates de Gênero, Orientação Sexual, Discriminação Racial, Xenofobias, entre outros. O grande impasse é o quanto esse debate está contaminado pelo fundamentalismo e por intolerância, pela dualidade imposta socialmente entre o “certo” e o “errado”.

Podemos identificar no mínimo duas vertentes desse fundamentalismo e dessa intolerância. A primeira é a rejeição e negação das raízes africanas em nosso povo, nossa cultura e nossa espiritualidade; a segunda é o combate a qualquer debate de Gênero e Sexualidade, negando de forma tácita a diversidade na existência humana, que impede a escola de dialogar com suas comunidades sobre as temáticas que, muitas vezes, são debatidas nas mídias e redes sociais sem o devido embasamento.

Na discussão que cerca a diversidade cultural, social e religiosa de nossa formação como povo, sociedade, constatamos que, mesmo sob protesto e resistência de muitos, estamos vivenciando um retrocesso no processo educacional, com acirramento da luta de classes e um novo avanço do modelo eurocêntrico, patriarcal e cristão na educação. Tudo isso tem provocado grande distorção entre os princípios de uma educação libertadora e a realidade vivenciadas em nosso meio educacional, estimulando o ódio e a intolerância contra as religiões de

matrizes africanas, demonizando o diferente do padrão pré-estabelecido, mascarando a realidade, invisibilizando e ocultando o crescimento do extermínio da juventude negra.

No debate de Gênero e Sexualidade, qualquer narrativa que fuja ao padrão da heteronormatividade é combatida com força e vigor sob a alegação da “doutrinação da ideologia de gênero”. Ideia que encontra respaldo na grande interferência e ingerência de algumas lideranças ligadas às mais diversas concepções de fé, através das chamadas “bancadas da Bíblia” nos legislativos municipais, estaduais e no Congresso Nacional. Editam e impõem leis com base em uma visão unilateral e fundamentalista dos princípios da fé, com o discurso da dita “Escola sem Partido”, que nós educadores preferimos chamar de “Lei da Mordaxa”.

Paulo Freire dizia que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Nessa perspectiva, o desafio a ser enfrentado é o de não permitir que as convicções individuais que firam as liberdades sejam norteadoras da ação educativa. Que a “profissão de fé”, a interpretação literal e descontextualizada do texto bíblico, a resistência ao novo e ao divergente de nossas convicções não nos impeçam de praticar o ato de ensinar baseado na criticidade, na liberdade e no respeito, garantindo aos nossos jovens uma formação livre de princípios dogmáticos que aprisionem. Que seja uma educação aberta ao diálogo, acolhedora e emancipadora.

Programa Escola s e os retrocessos na educ

A onda conservadora que assola muitos lugares vem ganhando forma no Brasil e se materializando em práticas que vão se alastrando pelo país: **a naturalização da violência e do extermínio dos jovens negros; a retomada de temas tidos como superados no debate público, tais como o armamento da população, a redução da maioridade penal e a cura gay; o avanço da direita conservadora e as guerras culturais manifestas na perseguição a exposições culturais e a artistas; o ataque aos direitos humanos universais; o estímulo ao ódio social, à homofobia, ao machismo e ao racismo.**

Na educação essa onda chega por meio do *Programa Escola sem Partido*, que vem sendo difundido desde 2004, num sítio da internet, mas ganhou visibilidade a partir de 2014 com a tramitação de projetos de lei na Câmara dos Deputados, em algumas assembleias legislativas e câmaras municipais. O Escola sem Partido (ESP) se alinhou a outras organizações de direita, como o Movimento Brasil Livre e o Revoltados Online, na articulação do golpe/impeachment ocorrido em 2016.

Ao analisar os projetos de lei (PL) que sustentam seus fundamentos (especialmente o PL Nº 867, de 2015, do deputado Federal Sr. Izalci, do PSDB-DF e o PL Nº 193, de autoria do Senador Magno Malta, do PR-ES) podemos perceber que o ESP utiliza diferentes argumentos como pano de fundo para avançar em aspectos de censura e intervenção nas escolas. Neste texto vamos apresentar brevemente três aspectos: *o poder dos pais; a concepção de adolescência e juventude; e a neutralidade educacional* incluídos nesses projetos.

A partir da leitura dos PL, percebemos que se defende um projeto de educação neutra, principalmente em relação a temas que são diretamente considerados de domínio exclusivo da família, como indica o texto que inclui como princípio da educação a “neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado; liberdade de crença; reconhecimento da

vulnerabilidade do educando como parte mais fraca na relação de aprendizado (BRASIL, 2015, PL Nº 867)”. Podemos dizer que estes princípios afetam a concepção de educação como prática social, como ação humana intencional e planejada pelos professores.

Outro aspecto que nos chama atenção nestes princípios é o papel de “incapaz” relegado às crianças, adolescentes e jovens, pois os PL consideram a vontade dos pais como determinante para a educação escolar. Isso se manifesta no princípio que propõe que os pais tem o direito que “[...] seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções” ou mesmo quando explicita que “são vedadas, em sala de aula [...] a veiculação de conteúdos ou a realização de atividades que possam estar em conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelos estudantes” (BRASIL, 2015, PL Nº 867), como se os estudantes não tivessem capacidade para fazer a leitura do mundo e assumir uma postura crítica para avaliar a formação recebida na escola. Ademais, limita a possibilidade de reflexão sobre questões vinculadas à sexualidade e ao gênero na medida em que considera os valores morais e religiosos dos pais ou responsáveis como determinantes para a atuação da escola, e exclui as questões de gênero do debate público: “o Poder Público não se imiscuirá¹ na opção sexual dos alunos nem permitirá qualquer prática capaz de comprometer, precipitar ou direcionar o natural amadurecimento e desenvolvimento de sua personalidade, em harmonia com a respectiva identidade biológica de sexo, sendo vedada, especialmente, a aplicação dos postulados da teoria ou ideologia de gênero” (BRASIL, 2016). Deste modo, superestima o poder dos pais em decidir pela educação dos seus filhos e, por outro lado, subestima o poder dos jovens de escolher a educação e a escola que querem.

¹ Imiscuir = Intrrometer-se ou tomar parte em algo que não lhe diz respeito; envolver-se em.

em Partido ação brasileira

No que diz respeito à tão propagada “neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado”, o ESP fere o Art. 206 da Constituição Federal que determina como princípios constitucionais a liberdade de aprender e ensinar e o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas. Por outro lado, silencia temas atuais e relevantes para a educação brasileira, reiterando a cultura do silêncio em relação à política, à violência e ao extermínio dos jovens, ao machismo, à homofobia, às questões de gênero, dentre outros temas que são marginalizados no debate público brasileiro; institui a censura, a intimidação, impulsiona práticas denunciadas e a criminalização dos professores; rompe com o projeto de uma escola republicana, especialmente como espaço do diálogo, de práticas inclusivas, de convivência respeitosa e democrática.

Mesmo que o projeto tenha sido considerado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal (análise da ação direta de inconstitucionalidade requerida pela CNTE e CONTEE), o ESP tem promovido uma série de ações² isoladas que implicam:

- censura a temas, livros, estratégias de ensino;
- perseguições aos profissionais que tem enfrentado o debate de gênero nas escolas;
- criminalização dos movimentos estudantis e docentes.

Em alguma medida, tais ações expressam a corporificação do ESP na prática docente, pautando as escolas brasileiras, espalhando o medo e, ao mesmo tempo, marcando um retrocesso na formação humana das novas gerações.

² Enquanto isso tramita na Comissão Especial da Câmara dos Deputados o Projeto de Lei no 7180 de 2014 (que agrega um conjunto de outros projetos de leis apensados), que altera a LDB de 1996 para regulamentar o Escola Sem Partido. Consta na página da Câmara dos Deputados que o PL está aguardando a votação do Parecer do Relator, Dep. Flávio (PSC-SP), que é favorável ao PL. Nas últimas semanas aconteceram várias manifestações em contrário, mas a composição da Comissão Especial indica uma correlação de forças favorável a sua aprovação, o que deve nos mobilizar para o enfrentamento a mais esse golpe na educação brasileira.





Ideolog

Quem dis

Há mais de duas décadas tem se falado muito dessa tal de “ideologia de gênero”. São conversas, discussões, publicações de documentos, livros e vídeos, apresentações em seminários, audiências públicas em torno de algo divulgado por determinados grupos para contrapor as ideias de outros. Como cita Miskolci (2018): “... uma batalha entre conservadores e progressistas, direita e esquerda ou, ainda, entre religiosos e laicos.” E o que chama a atenção é que tem sido pauta de debates nos campos político, jurídico, religioso, educacional e empresarial.

Sobre quem defende o que está em torno da expressão “ideologia de gênero”, (Junqueira 2017) destaca Christina Hoff Sommers, filósofa e escritora norte-americana: Para ela, havia uma ideologia de feministas que se referia a gênero a partir de temáticas voltadas ao “patriarcado, hegemonia masculina, sistema sexogênero etc.” ao invés da busca de igualdade entre homens e mulheres. Isto apresentado em um de seus livros, no ano de 1994, que repercutiu bastante com grande divulgação e apoio da direita de seu país. A jornalista e escritora, também norte-americana, Dale O’Leary em seu livro *Agenda de Gênero* (1997) critica as feministas de cunho marxista que desconsideram as diferenças biológicas, provocando desavenças entre os gêneros, dessa forma, destruindo a natureza humana e atrapalhando o papel da mulher que educa e zela. Essa escritora com vínculos à Opus Dei, apresenta artigos ligados à moralidade e à família tradicional em um blog mantido por ela. Michel Schooyans, jesuíta e ex-professor universitário no Brasil e na Bélgica publicou um livro em 1997, no qual talvez seja a primeira vez que o termo “ideologia de gênero” tenha sido empregado em uma obra. Este monsenhor belga se tornou um dos defensores pelas censuras do aborto e ao uso de métodos contraceptivos, colaborando para a formulação da ideia em complô às “ultra feministas”. Monsenhor Oscar Alzamora Revoredo, bispo auxiliar de Lima, em 1998, produziu a nota da Conferência Episcopal do Peru com o título de *La ideologia de género: sus peligros y*

alcances, sendo a primeira vez em que a terminologia “ideologia de gênero” é apresentada em documento eclesástico. Nos anos da década de 1990, Tony Anatrella, monsenhor francês ressaltou que a pressão à importância legal de casais homossexuais e o direito à adoção é motivado pelo anseio do direito à diferença e segundo ele, a homossexualidade é descrita como sem valor social e mesmo quem questiona a sua legitimidade não poderá ser considerado homofóbico.

Em entrevista concedida à Carta Capital¹, em novembro de 2017, a filósofa norte-americana Judith Butler declara: “Talvez “gênero” seja uma palavra que nomeia a circunstância de mudança nas normas sociais. O ataque ao “gênero” provavelmente emerge do medo a respeito de mudanças na família, no papel da mulher, na questão do aborto e das tecnologias para reprodução, direitos LGBTs e casamento homoafetivo. Para aqueles que acreditam que “homens” e “mulheres” são naturalmente dotados de traços que os levam necessariamente a participar de um casamento heterossexual e da formação de uma família, é desconcertante e, talvez, assustador perceber que algumas pessoas designadas ao nascer para as categorias “masculina” e “feminina” não desejem permanecer naquela categoria, ou que algumas mulheres não queiram ter filhos ou que algumas famílias sejam formadas por gays.”

Assim foi se formando um grande movimento mundial contra a denominada “ideologia de gênero”, porém foi se solidificando, principalmente na Europa e na América Latina, relacionada a questões ligadas à saúde reprodutiva, à educação sexual ou da relevância de outras identidades, sem ser a heterossexual.

Isto em reação ao resultado apresentado na Conferência Mundial de Beijing sobre a Mulher, em 1995, devido a substituição do termo “mulher” por “gênero” e, por conseguinte, uma política de concessão

¹<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/judith-butler-o-ataque-ao-genero-emerge-do-medo-das-mudancas>

ia de gênero se que não existe?

Amarildo Rodrigues Monteiro
Professor, educador e membro do CEBI-MS

de recursos institucionais deveria ser balizada numa perspectiva de gênero. Nesta Conferência ficou evidenciado que a desigualdade da mulher é resultado de uma problemática estrutural e, sendo assim, deveria ser debatida na ótica integral de gênero, tornando-se o centro das discussões, causando a reação em setores religiosos conservadores, principalmente nos membros da Igreja Católica. A contraofensiva católica se deu ao combate, atacando, desarticulando, reprovando tudo o que se referia a questões feministas, definindo em “ideologia de gênero”, aquilo que viria a ser um “sistema de pensamento fechado” (Miskolci & Campana, 2017).

Passados pouco mais de dez anos da Conferência Mundial de Beijing sobre a Mulher, a concepção de “ideologia de gênero” esteve nas discussões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Celam), em 2007, resultando no Documento de Aparecida, em destaque na seção 40: “*Entre os pressupostos que enfraquecem e menosprezam a vida familiar, encontramos a ideologia de gênero, segundo a qual cada um pode escolher sua orientação sexual, sem levar em consideração as diferenças dadas pela natureza humana. Isso tem provocado modificações legais que ferem gravemente a dignidade do matrimônio, o respeito ao direito à vida e a identidade da família*” (Celam, 2007:30). Isso pode ser reflexo da ampliação dos direitos sexuais e reprodutivos na América Latina.

Ainda no Brasil, em 2011, após o Supremo Tribunal Federal ter legalizado a união entre pessoas do mesmo sexo, houve um embate por parte de parlamentares (“bancada evangélica”, católicos e outros conservadores) sobre um material com conteúdos referentes à discriminação, violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais, que seria encaminhado às escolas, vulgarmente conhecido como “kit gay”. Em 2013, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara foi presidida

pelo pastor Marcos Feliciano, quando houve a apresentação do Projeto de Lei 6583/2013 sobre o Estatuto da Família. Desde 2014, a partir das discussões sobre o Plano Nacional de Educação, o movimento Escola Sem Partido conseguiu unir pessoas leigas e religiosas fundamentalistas em torno do termo “ideologia de gênero” como um suposto fantasma que causará dano às crianças e às famílias brasileiras. (Miskolci, 2018)

Conforme Junqueira (2017), esse slogan teoria/ideologia de gênero existe e está vinculado a um projeto político e religioso ultraconservador, antifeminista, antidemocrático, antilaico que naturaliza a dominação masculina, a matriz heterossexual, tendo como base a moral, a religião, o dogma, a intransigência, além de ser antiplural. E como reforça Corrêa (2018): “uma nova onda de ataque religioso dogmático contra as pautas democráticas de gênero e sexualidade”.

Referências

- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. Documento de Aparecida: texto conclusivo. 7. ed. CNBB: Brasília, 2008.
- CORRÊA, Sonia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. Campinas. Cadernos Pagu, n. 53, 2018.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “‘Ideologia de gênero’: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma ‘ameaça à família natural’?”. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Orgs.). Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade. Rio Grande: FURG, 2017, p. 25-52.
- MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. Campinas. Cadernos Pagu, n. 53, 2018.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para uma genealogia de um pânico moral contemporâneo. Revista Sociedade e Estado, v. 32, n. 3, p. 725-747, set/dez, 2017.

Educação para ir ao encontro da Sabedoria

Mercedes Lopes mjc
Biblista, autora e assessora do CEBI e da
Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

A sabedoria bíblica nasce da vida cotidiana. Brota das experiências de busca por sobrevivência em meio às dificuldades da vida. Experiências que levam à aprendizagem de saberes que garantem a vida das pessoas, animais, natureza e que, na prática, levam a assumir de maneira consciente e despojada uma troca desses saberes. Ter sabedoria é estar aprendendo antigos e novos jeitos de defender em conjunto a vida ameaçada, violentada, fragilizada.

Na caminhada do povo bíblico, a sabedoria surge nos espaços da casa, do trabalho, na vida em comunidade de fé. Ela pode ser encontrada “no morro, ao longo do caminho, nas encruzilhadas das estradas, na entrada das cidades...” (Pr 8,1-3). Ela “caminha pelas trilhas da justiça, anda pelas veredas do direito” (Pr 8,20-22). A abertura de educandos ao diferente, suas buscas de compartilhar as descobertas, o respeito ao direito das companheiras e companheiros de turma demonstram que a educação está contribuindo para superação de preconceitos, medo de perder, competição.

Aprender sabedoria é um processo que supõe relações sempre diferenciadas, abertas, embora difíceis, por causa das visões defensivas e competitivas da ideologia da concentração dos bens que nos condiciona e está sendo sutil e intensamente transmitida. Por isso, um desafio que o tema do mês da Bíblia deste ano nos coloca é discutir e discernir a *sabedoria* que nos leva a defender a vida humana e a natureza, e quais os meios para alcançá-la, em conjunto.

Diante do terrível empobrecimento do povo e do esgotamento das forças vitais do planeta, uma nova mentalidade e postura de vida necessita ser sistematicamente cultivada. Esta nova mentalidade e postura demonstra que estamos a caminho da Sabedoria. O neurocientista António Damásio advertiu que é necessário “educar massivamente as pessoas para que aceitem os outros”, porque “se não houver educação massiva, os seres humanos vão matar-se uns aos outros”. O desprezo e o ódio ao diferente geram a violenta e brutal exterminação de seres humanos e natureza. Este é um dos grandes desafios para a educação, hoje.

Uma das acertadas intuições do grande educador Rubem Alves é estimular e cultivar a arte de ver: “Como educar o olhar? Como torná-lo capaz de perceber significados e construir relações? Como desenvolver a capacidade de ver estética e eticamente as imagens que nos circundam, cultivando a arte de ver?” Ampliar também a escuta atenta e sensível do mundo que nos rodeia, das pessoas próximas e distantes. Os sentidos nos ajudam a entrar em sintonia e a aprofundar a vivência daquilo que nos toca, sensibiliza, faz felizes ou pede solidariedade. Desenvolver esta capacidade é uma tarefa que começa na casa, continua na escola e precisa ser um processo de aprendizagem para a vida toda.

Mas este processo contínuo somente se faz em conjunto, com muita motivação, desenvolvendo a sensibilidade que nos possibilita admirar, parar diante da beleza, levar a criança ou jovem a encantar-se por um grilo, uma planta que desponta da pedra, a pintura, a poesia ou o canto de uma companheira, cantor ou cantora, etc. Viver esta aventura de descobrir e de extasiar-se diante da beleza gera uma postura de cuidado carinhoso nas relações cotidianas, seja na família, escola, igrejas ou grupos.

Mas é igualmente necessário aprender que todos sentimos dores e somos vulneráveis. Afinal, somos seres humanos e, portanto, limitados. Dor e alegria, vitórias e derrotas, perdas e conflitos nas relações fazem parte de nossa história, que é tecida através de um árduo trabalho e gratificante processo, que nos conduzirá a uma relação terapêutica e igualitária, baseada em uma profunda experiência espiritual de quem se deixa abraçar pelo Deus Vida, em cada encontro com outras pessoas e em diferentes situações.

Este é um caminho para encontrar a Sabedoria de Deus. Um processo que a educação pode incentivar com suas atividades didáticas, sobretudo com a arte e a luz da fé. Caminho de amor solidário que nos permite ser reflexo da Sabedoria. Ela é luz na escuridão. “É mais bela que o sol... Comparada à luz do dia, ela sai ganhando, pois a luz do sol cede lugar à noite, mas contra a sabedoria o mal não prevalece” (Sb 7,29-30).

Adorar em espírito e verdade

superar a intolerância pelo diálogo

Adriano Vianna

Mestre em Ensino de Humanidades pelo
Instituto Federal do Espírito Santo - IFES.
Integrante do CEBI-ES.



A ação de educar exige dedicação e paciência. É um processo que precisa de tempo. É fato que o diálogo é um caminho necessário para experiências libertadoras de ensino-aprendizagem. Um texto bíblico fecundo para nos ensinar o poder da dialogia para superação da intolerância religiosa é Jo 4,1-42.

Nesse texto da tradição joanina, ou seja, elaborado a partir das experiências das comunidades cristãs que produziram o evangelho de João, temos descrito um diálogo entre Jesus e uma mulher samaritana.

A conversa toda é riquíssima, merece uma leitura atenta! No entanto, os versículos de 20 a 23 são os essenciais para entendermos que a proposta de Reino de Deus, apresentada por Jesus e seus seguidores, é de uma experiência religiosa plural, tolerante e que valoriza a tradição de diferentes povos e grupos.

Nos versículos destacados acima, a Samaritana questiona Jesus sobre o local que se deve adorar a Deus. O grupo dos samaritanos, herdeiros da divisão da monarquia após a morte do rei Salomão (1Rs 12), e também influenciados pelo legado de dominação assíria durante o oitavo século antes da era comum (2Rs 17,24), tinham o monte Garizim como local de culto e adoração. O templo construído nesse local pelo reino do norte foi destruído por João Hircano, no período da dinastia dos hasmoneus, porém os samaritanos continuaram utilizando o monte como local de culto.

Embora a tradição judaica-cristã esteja centrada em uma fé monoteísta, as experiências religiosas sincréticas e plurais estão nas entrelinhas tanto do Primeiro como do Segundo Testamento. A assembleia de Siquém, em

Js 24, é exemplo de uma aliança de grupos religiosos diferentes. No tempo de Jesus essa cidade era chamada de Sicar (Jo 4,5). É justamente nessa localidade, junto ao poço de Jacó, que acontece o encontro e o diálogo entre a Samaritana e Jesus.

Ao ser questionado se é em Garizim ou em Jerusalém que se deve adorar a Deus, Jesus responde que os verdadeiros adoradores adoram “o Pai em espírito e verdade”. Essa resposta está imersa na proposta ecumênica de Reino de Deus presente no cristianismo primitivo. Todas as experiências religiosas precisam ser valorizadas e são pontos de partida para a utopia do Reino.

O cristianismo primitivo educou para a pluralidade religiosa em meio a diversidade cultural do império romano. Seja em comunidades de origem judaica, grega, egípcia, líbica, síria, romana, etc. Muitos internalizaram a tolerância religiosa e o respeito às experiências diferentes de relacionar-se com Deus, sempre apontando a proposta de Reino proclamada por Jesus. Porém, a história é dinâmica e foram sendo produzidas as experiências de intolerância e perseguição a grupos que professavam uma fé diferente da cristã.

A Leitura Popular da Bíblia tem, além de outras, a missão de educar para o reconhecimento do valor de experiências diversas de religiosidades. Todas as expressões de fé possuem sua dignidade cultural e histórica. Nenhuma é melhor ou pior que a outra. São diferentes. Em sintonia com a experiência libertadora de Jesus Cristo somos convidados a abrir nossos corações e mentes para dialogar com o diferente.

A PRÁTICA LIBERTADORA DE JESUS NO ENFRENTAMENTO AOS FUNDAMENTALISMOS E INTOLERÂNCIAS

Cláudio da Chaga Soares

Pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil

Professor de Filosofia e Mestre em Ciências das Religiões

Para pensarmos a prática de Jesus e o seu enfrentamento aos fundamentalismos e intolerâncias, partiremos da leitura do Evangelho de Mateus 5,17-48 por ser: 1) uma obra literária que busca dialogar com o judaísmo rabínico de sua época; 2) por ser um evangelho escrito a partir do proscrito¹; e, 3) por ser Jesus retratado como aquele que exige do seu ouvinte o compromisso com a justiça (tzedaká): fundamento da sua prática libertadora (Mt 5,20).

Para começar...

Antes de refletirmos o texto de Mateus, é necessário que conheçamos o seu chão. No ano 70 da Era Comum, após longo período de resistência armada, o general Tito impôs aos judeus uma das derrotas militares e culturais mais caras, que teve como consequência a destruição do Templo de Jerusalém e o fim do Estado da Judeia que, após a guerra, passa a ser chamado por Palestina. Por isso, lá pelos anos de 95 da Era Comum, em Iávne, o judaísmo farisaico - ou parte do que restou dele - reuniu-se em concílio com o objetivo de buscar compreender a destruição do Templo de Jerusalém, a diáspora, e dar identidade à comunidade judaica em sua reconstrução no pós-guerra. Infelizmente, o concílio também se ocupou com a “caça às bruxas” identificando como culpados da guerra os movimentos apocalipsistas, o banditismo e o messianismo popular e, dentre eles, o movimento de Jesus de Nazaré.² Ao identificá-los como culpados e excluí-los da

vida sinagoga, o judaísmo rabínico - além de expô-los à perseguição romana e à proscrição social - renunciou o respeito à diversidade outrora presente em seu meio ao abraçar a leitura fundamentalista de sua tradição religiosa presente nas expressões seguintes: “Os antigos nos disseram...” (Mt 5,21ss) ou “Mestre, Moisés disse que...” (Mt 22,24).

Perigo no Judaísmo Rabínico: Fundamentalismo e Intolerância

Como pastor e professor no ensino médio, sou constantemente abordado: “Pastor, o que a Bíblia diz sobre isso?” ou “Professor, o meu pastor disse que a Bíblia diz outra coisa...”. Isso fez-me perceber que uma das características do fundamentalismo³ é o aprisionamento da pessoa a uma única forma interpretativa do texto, limitando-o ao passado sem dialogar com o presente. Outra característica presente é a intolerância com o diferente. O diferente é visto como ameaça ou mesmo como um herege. Por que apresento essas conceituações? É que ao ler o texto de Mt 5,17-48, já nos versos 17 e 19, há uma nítida preocupação da Comunidade de Mateus em tentar convencer o leitor de que Jesus de Nazaré e seu seguimento não são uma ruptura com a Sinagoga. O que os faz pertencer e estarem em conformidade com a Lei e os Profetas? Como bom

1 Aqui informo que leri o Evangelho de Mateus a partir da contribuição da Teologia da Proscrição.

2 Sobre a formulação da Birkat ha-minim (Oração dos hereges) e a sua relação com a casa de ensino em Iávne, recomendo a leitura seguinte:

STEGEMANN, Ekkehard W.; stegemann, Wolfgang. História social do protocristianismo. Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo, Sinodal, 2004, p. 266-281.

3 Para se conhecer de forma mais profunda o fundamentalismo, recomendando os textos seguintes: DIAS, Zwinglio M. (org.). Os vários rostos do fundamentalismo. São Leopoldo: CEBI, 2009; DREHER, Martin. Fundamentalismo. Sinodal: São Leopoldo, 2006; e, VASCONCELLOS, Pedro L. Fundamentalismos: matrizes, presenças e inquietações. São Paulo: Paulinas, 2008.



discípulo de Hillel, para quem o amor a Deus e ao próximo é o resumo da Lei e dos Profetas, Jesus de Nazaré responde: a TZEDAKÁ, traduzido no versículo 20 como ‘justiça’. Leiamos: “Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus”. Ao destacar a importância da TZEDAKÁ (Mt 6,33; 23,1-39), Jesus de Nazaré pode confrontar o fundamentalismo dos seus opositores. Por cinco vezes, o texto de Mt 5,17-48 é entrecortado com a expressão seguinte: “Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados... Mas eu lhes digo” (cf. Mt 5,21-22.27-28.33-34.38-39.43-44). Inspirada pela TZEDAKÁ, a exemplo de Jesus, seu Mestre, a Comunidade Mateana não somente questiona o tradicionalismo como denuncia qualquer forma de intolerância: 1) A misógina, ao iniciar o seu evangelho em que resgata à memória do seu povo a relevância de mulheres emancipadas (Tamar, Raab, Ruth, Bethshebá e Maria); 2) ao enfermo e ao endemoninhado tidos como pecadores; 3) ao estrangeiro (Centurião de Cafarnaum (Mt 8,5-13) e a Mulher Cananeia (Mt 15,21-28) tidos como impuros entre outros grupos.

Intolerâncias e Fundamentalismos no tempo que se chama hoje

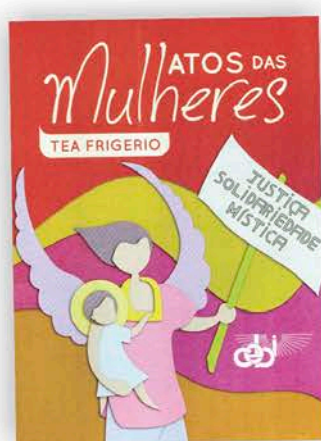
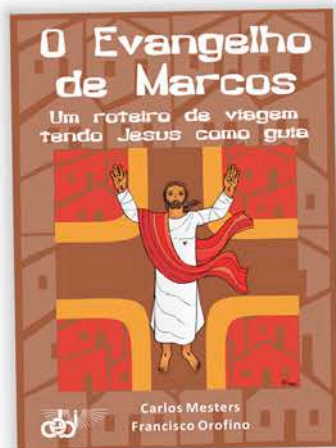
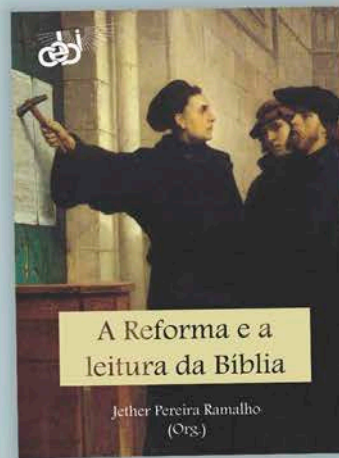
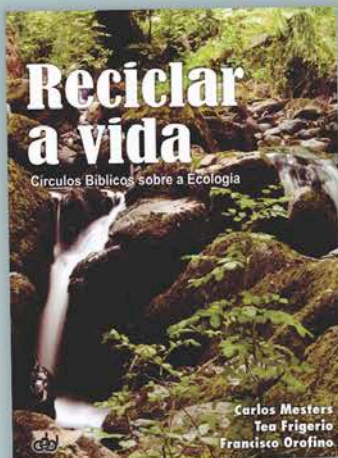
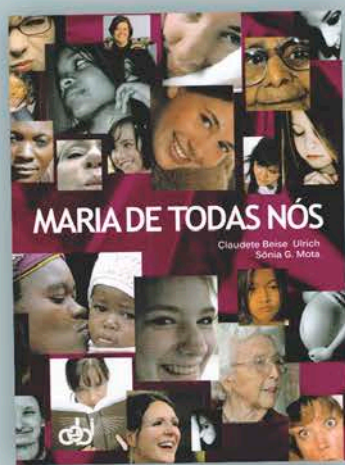
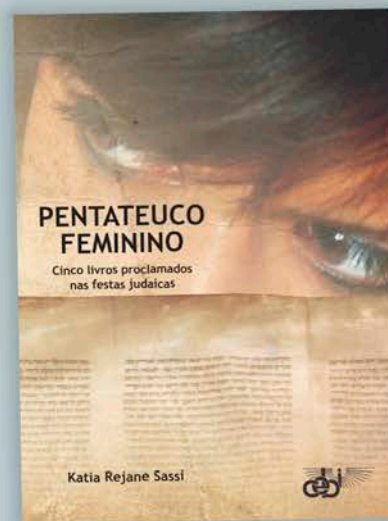
As intolerâncias e fundamentalismos ocupam hoje diversas áreas na sociedade brasileira. No campo religioso há cada vez mais denúncias de intolerância contra as religiões de matriz africana e os seus praticantes: em nome da liberdade religiosa, alguns grupos ‘evangélicos’ invadem terreiros, intimidam e quebram assentamentos.

No entanto, é bom que seja dito, a intolerância e o fundamentalismo não se contentaram em se limitar ao campo religioso. Não. No campo econômico em que a idolatria ao mercado exige sacrifícios de vítimas indefesas tendo como consequência o aumento considerável de proscritos que na sua maioria é composta por pessoas pobres e negras. Outra área é o judiciário com os seus novos intérpretes e executores da Lei que, a partir do pretexto de legalidade cometem inúmeras arbitrariedades, perseguem lideranças políticas que questionam a lógica do Mercado e promovem legalmente o Estado de Exceção. Todavia, o Evangelho de Mateus nos ajuda a perceber a diferença entre legalidade e justiça. Por exemplo, para os intérpretes da Lei de Moisés era “legal” repudiar a mulher por qualquer motivo como “queimar a comida”. Porém, para Jesus, as motivações não eram justas. Jesus sabia do dilema vivido por José. Qual foi o seu dilema? Cumprir a legalidade da Lei e, por isso, expor Maria ao apedrejamento por estar grávida ou subverter a Lei indo para além da interpretação dos escribas e fariseus? Eis a razão de a Comunidade de Mateus chamar a José de “Justo” (Mt 1,19).

Concluindo, o Evangelho de Mateus, ao colocar a Tzedaká como característica da prática de Jesus de Nazaré, demonstra-nos que o programa sistêmico fundamentalista e intolerante é perverso e que encontram-se na contramão do Reino de Deus.



EBOOKs do CEBI



Conheça as novidades da livraria do CEBI!
São mais de 10 livros no formato digital.



www.cebi.org.br/categoria-produto/ebook

A EDUCAÇÃO QUE
PROVOCA,
LIBERTA
E TRANSFORMA

Pedro Caixeta
CEBI-GO



AMBIENTAÇÃO

Na sala, colocar as cadeiras em círculo, de forma que todos/as possam se ver e que tenham minimamente uma relação de igualdade. No centro, próximo ao chão, preparar um altar com uma planta, uma Bíblia, objetos que lembrem o contexto escolar e as palavras: *Educação, Provocação, Libertação e Transformação*.

CHEGANÇA

Duas pessoas acolhem, cênica e afetuosamente, as que chegam. Um/a fica mais ao centro e declama o poema *Eu não sou você, você não é eu*, de Madalena Freire, enquanto o/a outro/a passa acolhendo a todos/as com um abraço.

Ao terminar acolhe-se a todos/as, dizendo o tema do dia e motivando para que escutem a música *O caderno*, de Toquinho, lembrando de suas vidas escolares e/ou dos lugares e pessoas que lhe oportunizaram aprendizagens.

MEMÓRIAS E LEITURAS DO MUNDO

A educação é um processo que dura toda a vida. Não há um ditado popular que diz que a gente morre aprendendo? Aprendemos em todos os grupos a que pertencemos: na família, na escola, no trabalho, na igreja... Todos estes espaços contribuem para nossa formação.

A educação formal é aquela realizada pelas escolas e universidades, sob a tutela do Estado; mas

informalmente se aprende em qualquer lugar e situação. Mais do que isso, há processos formativos que são puxados por igrejas, ONGs, sindicatos e empresas em geral.

Vamos fazer uma roda de memória relatando como foram nossas experiências nas escolas e universidades para quem as frequentou e/ou também como foram as aprendizagens que tivemos em outros ambientes e lugares. Para ajudar, sugerimos algumas perguntas:

- Quais aprendizados levamos para nossa vida?
- Que marcas o processo educativo deixou em nossos corpos e sentidos?
- O que você aprendeu colabora na construção de um mundo mais justo e melhor?
- Que modelo de mundo/sociedade estava por trás da educação que você recebeu?

Se o grupo não for muito grande, incentivar que todos/as façam uma memória. Cuidando do tempo para que alguém não fale muito tirando o tempo de fala de outras pessoas.

APROFUNDANDO

Alguns destes processos educativos são feitos na perspectiva da Educação Popular, construída sob os alicerces da Educação Libertadora cuja expressão máxima é o educador brasileiro Paulo Freire, que por sinal é reconhecido mundialmente por suas contribuições na área da Educação. Segundo Paulo Freire, 'o seu ponto de vista é o dos "condenados da Terra",

o dos “excluídos”. Para ele, o ser humano não está concluído/acabado e por isso está num permanente movimento de procura e busca por formação. Mas formar não é somente uniformizar, encaixar-se em modelos previamente estabelecidos. “Daí a crítica permanente [...] à malvadeza neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. Daí o tom de raiva, legítima raiva [...] quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo.”, diz Paulo Freire.

A educação libertadora, trabalhada pelos movimentos populares, tem muito da prática pedagógica de Jesus. Vamos ler três pequenos trechos que nos foram relatados na Bíblia. Formemos três grupos e cada um fica com uma palavra da ambientação e um texto bíblico para ler e partilhar a partir da temática da educação:

- Provocação – Lc 14, 34-35.
- Libertação – Jo 10, 10b
- Transformação – Mt 9, 16-17.

Como entender a educação e seus processos através da pessoa e da proposta de Jesus? Os grupos podem conversar sobre estes e outros textos que lembrarem, inclusive pegar o “espírito da coisa” presente na prática pedagógica de Jesus narrada nos quatro Evangelhos.

TOMANDO POSIÇÃO

Ao término das partilhas dos grupos, a pessoa que estiver na coordenação deve motivar para que todos/as escutem a música *Tocando em frente*, de Almir Sater e se atentem para o que a canção diz sobre a vida, bem como, o quê e como se deve aprender.

Ao término da canção, pedir que as pessoas digam, em uma frase, qual o modelo de educação que eles/as querem ver fortalecido em nossa sociedade.

Cora Coralina, poetiza goiana, diz que o saber a gente aprende com os mestres e com os livros e que a sabedoria se aprende com a vida e com os humildes. Encerrar lembrando-se das pessoas que já fizeram ou fazem este modelo educacional sonhado por todos/as acontecer e rezar agradecendo pela vida e sabedoria partilhada, nos enviando para fazermos nós, também, nossa parte como cebianos/as que trabalhamos a leitura popular e libertadora da Bíblia.

EU NÃO SOU VOCÊ, VOCÊ NÃO É EU

MADALENA FREIRE

Eu não sou você
Você não é eu
Mas sei muito de mim
Vivendo com você.
E você, sabe muito de você vivendo comigo?

Eu não sou você
Você não é eu.
Mas encontrei comigo e me vi
Enquanto olhava pra você
Na sua, minha, insegurança
Na sua, minha, desconfiança
Na sua, minha, competição
Na sua, minha, birra infantil
Na sua, minha, omissão
Na sua, minha, firmeza
Na sua, minha, impaciência
Na sua, minha, prepotência
Na sua, minha, fragilidade doce
Na sua, minha, mudez aterrorizada
E você se encontrou e se viu,
enquanto olhava pra mim?

Eu não sou você
Você não é eu.
Mas foi vivendo minha solidão que conversei
Com você, e você conversou comigo na sua solidão
Du fugiu dela, de mim e de você?

Eu não sou você
Você não é eu
Mas sou mais eu, quando consigo
Lhe ver, porque você me reflete
No que eu ainda sou
No que já sou e
No que quero vir a ser.

Eu não sou você
Você não é eu
Mas somos um grupo, enquanto
Somos capazes de, diferenciadamente,
Eu ser eu, vivendo com você e
Você ser você, vivendo comigo.



Imagem: Internet

Texto: Terezinha Casimiro Albuquerque, do CEBI-CE.

CEBI-CE: 8 de março, Dia Internacional da Mulher

Motivada a falar sobre a data de 08 de março e seu significado para mim, pensei: o que tenho a dizer sobre esse tema? Sei da enorme importância de todos os movimentos de mulheres ao longo da história e, especificamente do **Dia Internacional da Mulher**.

No nosso calendário gregoriano o ano tem 364 dias. Por que só um dia dedicado às Mulheres, que são a maioria da população? Por que essa data?

Há um histórico das lutas emancipatórias das mulheres como o movimento sufragista, “emancipação feminina na Rússia soviética”, a resistência das mulheres latino-americanas, e por aí vai.

Mas como agariana/cebiana¹ inserida no CEBI e comprometida com a Leitura Popular e Libertadora da Bíblia, pus-me a matutar (usando uma expressão bem cearense). Será que os primórdios das lutas feministas não remontariam a tempos ancestrais? Nas nossas mães africanas com suas rezas e “mezinhas” ao cuidar da comunidade? Pimba! Fez-se a luz.

A divindade libertadora que cremos “escreveu” diferente os textos bíblicos. Então como Eva eu pensei: Deus não proibiu comer do fruto, mas disse para saboreá-lo, ruminá-lo e fazê-lo sabedoria de vida. E como Agar disse: Deus não criou esse sistema de escravizar uma mulher e fazê-la parir para outra. O filho das minhas entranhas é meu! E Deus falou com Agar, a abençoou e a fez mãe de uma grande descendência.

¹ AGAR - Grupo de Mulheres do CEBI de Fortaleza/CE.

E a noiva do cântico dos cânticos que contra todas as imposições diz “eu sou do meu amado e o meu amado é meu”, não aceitando que as regras e as normas vigentes conduzissem a sua vida. Vejo também Maria de Nazaré rompendo com todas as amarras legais dizer: **- Sim, serei a mãe do Libertador!**

E Maria de Magdala, discípula e parceira de Jesus na caminhada de libertação das pessoas oprimidas dizer aos homens: há lugar para mim nesse grupo, e sou seguidora de Jesus sim, queiram ou não. E muitas outras mulheres da Bíblia que disseram não às exclusões e sim à dignidade da mulher em toda a sua plenitude.

Dia Internacional da Mulher

Para mim, pretensamente biblista, as raízes dos feminismos estão na história das mulheres da Bíblia ao entenderem que a divindade libertadora e criadora é para todas as pessoas que sonham com um mundo onde todas e todos tenham espaço de vida digna, de solidariedade, fraternidade, sororidade e amorosidade, como **vive, ensina e inspira o Mestre de Nazaré**. Enquanto houver violência de todas as formas contra todas as mulheres, em todos os lugares, enquanto o feminicídio encher as páginas policiais diante da indiferença da sociedade, o 08 de Março se faz necessário.

E o meu sonho como agariana/cebiana é ver a **LPB** entendida pela comunidade cebiana como intrinsecamente **Ecumênica, ecológica, étnica, militante política e feminista**.

Por tudo isso: **viva o Dia Internacional da Mulher!**



CEBI-GO: Partilha sobre o encontro da Coordenação Ampliada

O CEBI-GO reuniu-se no dia 17 de março de 2018 em Goiânia, para a um encontro ampliado estadual, com representações das cidades de Anápolis, Bela Vista de Goiás e Goiânia.

As microrregiões de Campos Belos, Orizona, Catalão, Trindade e diocese de Goiás justificaram ausência, mas estavam conectadas conosco por meio do WhatsApp.

Os temas do encontro

No encontro, refletiu-se sobre a conjuntura social e política brasileira. Veio à tona discussões que envolvem a questão da água como direito humano básico e fundamental, e as ameaças às quais ela está sujeita, principalmente em relação à sua mercantilização e privatização.

O grupo esteve em sintonia com a realização do Fórum Alternativo Mundial das Águas 2018 (FAMA), que aconteceu em Brasília entre os dias 17 e 22 de março, em contraposição ao Fórum das Corporações, autodenominado 8º Fórum Mundial da Água. Salta aos olhos que os interesses do Fórum das Corporações estão relacionados à privatização das águas para grandes empresas multinacionais. Por isso, junto aos povos e comunidades do FAMA, o CEBI-GO defende que “Água não é mercadoria!”, é bem comum, é direito.

Houve profunda comunhão com os grupos e comunidades que choram o assassinato político da Marielle Franco, vereadora do PSOL-RJ, crime do qual foi vítima junto ao motorista Anderson Gomes. Choram reafirmando a continuidade das lutas ecoadas por ela contra os abusos policiais, o racismo, a homofobia e a violência, sobretudo contra as mulheres e a juventude negra das favelas e periferias.

À luz do texto bíblico da comunidade de Lucas (15,8-10), refletiu-se que esse modelo neoliberal capitalista faz com o que os povos e comunidades rurais e urbanas percam direitos fundamentais e valiosos à sua sobrevivência.

Alternativas para um mundo novo

O FAMA, as lutas pautadas por Marielle Franco e outras iniciativas em defesa da Vida representam alternativas que procuram e fazem acontecer novas relações sociais, políticas e econômicas que convocam para a festa, a alegria, a dignidade, o respeito, a partilha, o bem comum. Atitudes como essas estão presentes na mulher da narrativa bíblica conhecida como “a moeda perdida”.

O CEBI-GO continua o planejamento das suas atividades no estado.



CEBI-SC: “CEBI só faz sentido se transforma nossa vida”

Na cidade de Rio do Oeste, SC, de 09 a 11 de março deste ano, realizou-se a 1ª etapa da 11ª Escola Estadual do CEBI-SC para pessoas que facilitam os encontros bíblicos nas suas comunidades e grupos de base. O tema foi “Metodologia de Leitura Popular da Bíblia – LPB”. Esta etapa reuniu 18 pessoas.

Participar do CEBI é encantador e desafiador. Encantador porque sua metodologia tem como centro a Palavra que, através das dinâmicas, leva à leitura, à imaginação, ao debate, à indignação e à ação. Desafiador frente às “verdades” a serem desconstruídas para dar lugar ao novo. Portanto, o exercício da reconstrução de compreensões sobre a criação leva-nos a sermos respeitosos, solidários, responsáveis e comprometidos no cuidado com este grande presente da Divindade libertadora: “a vida em plenitude” (Jo 10,10).

Assessoria e educação popular

Conforme Ildo Bohn Gass, assessor desta etapa, para que a leitura bíblica seja um instrumento de libertação, é preciso ter presente as três teologias fundamentais que perpassam a Bíblia do início ao final: Teologia do **Êxodo**, da **Aliança** e da **Criação**. E as experiências que correspondem a cada uma dessas Teologias são, respectivamente, a uma Divindade que é e deseja liberdade, amor/misericórdia e vida plena para todas as suas filhas e seus filhos.

Além disso, todo encontro promovido pelo CEBI deve ter, pelo menos, estes três momentos importantes:

1. O **Estudo** – é construção conjunta de saber;
2. A **Convivência** – conhecer e estabelecer novas relações com quem participa;
3. A **Liturgia** – momentos fortes de mística e de espiritualidade.

Leitura Popular da Bíblia

Essa releitura da Bíblia com espírito crítico nos ajuda a compreender melhor as relações cotidianas nos diversos campos: social, político, econômico, cultural e religioso. Desse modo, a LPB ajuda-nos a abrir nossas mentes e corações para a Palavra do Deus do Êxodo, que nos chama e

nos desafia a agir junto às irmãs e aos irmãos excluídos, de modo que possam se libertar da opressão que sofrem.

A Bíblia, como poço de água que sacia a sede, através da leitura popular, realizada na perspectiva da cidadania, desperta para a consciência crítica, para a superação do medo, através do exercício de novas experiências de Deus. Este método propõe ressignificar a militância, investir a ação profética na construção de outro mundo possível e necessário com vida digna, “assim na terra como no céu” (Mt 6,10). Em outras palavras, concretizar já aqui e agora, “novos céus e terra nova” (Is 65,17).

Acreditar nas pessoas que, alimentadas na Fé do Deus do Êxodo, aquele que vê, ouve e desce para libertar da opressão (cf. Ex 3,7-8), sonham e lutam coletivamente, tornando-se Novas Criaturas em Cristo (2Co 5,17). Fazer a experiência com o Deus do Êxodo, que assume o lado de quem é oprimido, possibilita identificar as classes sociais e à qual nós pertencemos.

Assim, compreendemos melhor a luta de classes existente na sociedade hoje. A Casa Grande que, ao longo da história, golpeou a Senzala, hoje, mais uma vez, torna a golpear-lá, fragilizando a vida, e esta vida pede socorro.

É o golpe da destruição dos sonhos, das possibilidades, da dignidade do povo que levou muitos anos para conquistar seu direito à moradia, à saúde, à educação, ao lazer, à cultura e à cidadania. É o golpe contra os acertos democráticos do povo, contra as possibilidades de acesso à vida com dignidade.

Além dessas questões, a 1ª etapa desta escola foi dedicada ao aprofundamento de textos bíblicos e da metodologia de LPB, pensando em como estudá-los junto a nossos grupos de reflexão bíblica.

Nosso grande desafio é: como a LPB pode ajudar-nos hoje a superar as mais variadas violências que ameaçam destruir a criação?

Até o final deste ano, estão previstas mais três etapas desta Escola Bíblica.

Leonides Ana Marsaro, representando a sub-região de Chapecó/SC.



CEBI-MS: Acampamento universitário eterniza Ir. Dorothy

A juventude católica de Glória de Dourados constituiu um grupo de universitários/as chamado AcUnGD – Acampamento Universitário de Glória de Dourados.

Em comemoração ao aniversário de um ano do grupo, realizou-se um luau nos fundos da paróquia, local onde existe um lindo gramado. Fernando e Lilian Sarat, integrantes do CEBI-MS e da Igreja Metodista, foram convidados para contribuir em um momento de espiritualidade, refletindo o tema da Campanha da Fraternidade, a superação da violência.

Para marcar a data, Fernando fez o grafite nos muros da paróquia, algo revolucionário na pequena

cidade. Enquanto desenhava foi abordado por várias pessoas que, curiosas, paravam para vê-lo pintar.

Ao final se fez presente a memória de luta da vida de Irmã Dorothy, que foi eternizada no muro da cidade e no coração do povo. Sua luta pela vida, o que a levou a morte, não será esquecida.

Irmã Dorothy, presente!

O evento teve a presença expressiva de mais de 80 jovens e adolescentes. Além de Lilian e Fernando, também representaram o CEBI Dourados Carlos e Poliana, jovens da Igreja Batista.

CEBI-ES: Não ao extermínio da juventude negra!

O Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos do Espírito Santo (CEBI-ES) vem a público manifestar a solidariedade à família e aos amigos dos jovens Damião Reis, 22 anos e Ruan Reis, 19 anos, que foram executados na madrugada do domingo de 25 de março de 2018, com 42 tiros no Morro da Piedade no Centro de Vitória.

Infelizmente há muitos anos o Estado do Espírito Santo vem se destacando a nível nacional como um dos estados mais violentos para jovens, mulheres e LGBTs.

Juventude Negra

É nítido o extermínio da juventude negra de nosso estado do Espírito Santo! As mortes em sua grande maioria têm cor, região e faixa etária. Damião e Ruan foram mais dois jovens cheios de esperança que tiveram suas vidas interrompidas pela violência urbana. Mais uma mãe enterrando seus filhos após tamanha brutalidade. O que se percebe é a ausência de políticas

públicas que sejam voltadas para conter esse ciclo de violência que gera mais morte e mais violência.

Exigimos das autoridades a investigação correta e justa dessas mortes, para não apenas entrarem nas estatísticas tão amargas de nosso estado, que carrega tanto sangue em sua terra.

Que a vivência dos valores cristãos seja sinal de vida e vida plena a todos e todas que aqui residem, não instrumento de intolerância e palco da disseminação do ódio. Como afirma a Campanha da Fraternidade da Igreja Católica neste ano de 2018 em seu hino oficial:

“Fraternidade é superar a violência!

É derramar, em vez de sangue, mais perdão!

É fermentar na humanidade o amor fraterno!

Pois Jesus disse que somos todos irmãos.”

Chega de impunidade e omissão! Não podemos nos calar diante da realidade! Basta de violência que extermina nossa juventude pobre e negra nesse estado!



CEBI-PE: Encontro do Agreste debate fé e política

Sebastião Catequista, David Silva, Emília Lambert e Evandro

No dia 15 de abril, o CEBI Agreste realizou em Caruaru seu primeiro Encontro dos Alunos das Escolas Bíblicas do Agreste no ano de 2018, com o tema: Fé e Política, o qual se apresenta como de grande relevância para o debate atual do nosso cenário político mundial e, principalmente, brasileiro.

Apesar do contratempo das fortes chuvas – abundante e abençoada para a nossa Região Agreste – o encontro contou com a presença de 09 mulheres e 08 homens, dentre os quais 03 jovens, vindos das cidades de Belo Jardim, Brejo da Madre de Deus, Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.

Assessoria

O facilitador do encontro foi o irmão Kleber Gonzaga de Assis, que é assessor da Escola de Fé e Política do Pe. Humberto Plummen e, também, das Pastorais Sociais. Kleber ajudou na compreensão do tema Fé e Política, trazendo para a roda de conversa a proposta de análise dos textos da Carta de Tiago 2,14-26 e dos Evangelhos de Lucas 6,12-16 e Mateus 9,35-38. Com um bate-papo reflexivo, fez interligações analíticas entre realidade da atual política e a política no tempo Jesus e de seus discípulos e apóstolos, naquilo que em que a Carta de Tiago se refere a “Fé e obras”. Destacou seu sentido mais profundo: a empatia entre a ação política e a fé, nas relações sociais da vida real do ser.

O grupo foi provocado, no calor dos evangelhos de Mateus e Lucas, a observar um dramático painel da realidade política, numa visão local e mundial, auxiliados por textos imagéticos, por discursos midiáticos

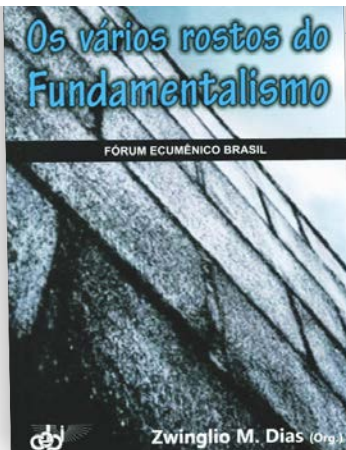
e propagandistas das manchetes dos jornais e revistas. Ficamos todos e todas abismados/das com a realidade das imagens reveladas, da politicagem criminosas, das desigualdades, dos preconceitos, da guerra na Síria, das violências em nível nacional, da miséria, da corrupção, das drogas, da intolerância, da agressão ao meio ambiente e do egoísmo que ainda perpassam os séculos.

A proposta do painel foi profundamente chocante e interessante ao mesmo tempo, porque dentro do caos da crise política, da atual realidade conjuntural e estrutural, foi possível perceber a fé e o “agir-politizante” dos movimentos dos pobres e dos oprimidos a dar sinais de vidas, a exemplo das lutas dos movimentos sociais, dos trabalhos comunitários e da solidariedade das Ongs comprometidas, não apenas em evangelizar, como também conscientizar politicamente os sujeitos de suas realidades, segundo Paulo Freire.

Neste momento de observação e contemplação, o grupo conseguiu decifrar o enigma do painel através dos textos bíblicos analisados e dos nomes heroicos e históricos e, logo, foi compreendido que estes não estavam ali por acaso, e sim, para sinalizar que ainda há vida, amor, fé e luta clareando nossas mentes no exercício da práxis da fé e ação evangelizadora, que, em unidade com os profetas, denunciam a mentira e opressão dos sistemas corruptos imperialistas de “poder”.

Este processo histórico nos dá testemunho de fé e de obras e, ao mesmo tempo, alimenta o espírito e nos provoca a sermos militantes do projeto do evangelho de Cristo, a revelar na cruz que a Fé e a Política caminham juntas.

SALA DE LEITURA



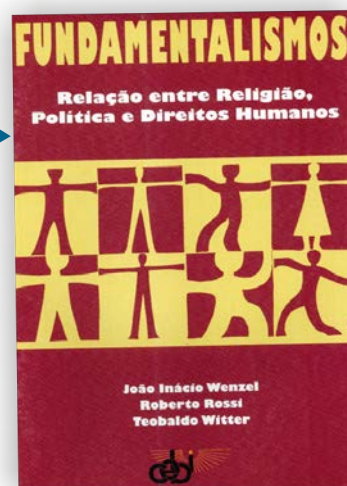
Os vários rostos do Fundamentalismo

Análise das diferentes manifestações das posturas fundamentalistas que caracterizam as instituições eclesiais que compõem o campo religioso brasileiro. O moderno uso desta expressão para a designação de fenômenos político-religiosos similares é imprecisa e vaga, embora já tenha sido incorporada no linguajar corrente. Os artigos que compõem este livro apresentam reflexões sobre o tema a partir de considerações históricas, análises socioteológicas e relações ecumênicas.

R\$ 16,50 + Frete

Fundamentalismos

Que relação existe entre Fundamentalismos, Religião, Política e Direitos Humanos. O neoliberalismo é também uma forma de fundamentalismo? Os fundamentalismos não se resumem a um período histórico ou a um determinado grupo social. Os autores discutem a relação dos fundamentalismos com a religião, a política e os direitos humanos. O que orienta sua perspectiva é a compreensão de que o fundamentalismo não se resume apenas ao campo religioso.



R\$ 8,50 + Frete



Criança é presente

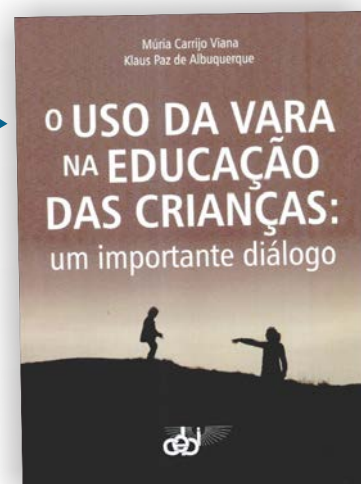
Criança não sabe menos, sabe outra coisa! Este livro busca o olhar da criança. Presente! Na vida e na Bíblia. Apresenta um instrumental para ampliar o trabalho com crianças e adolescentes nas comunidades cristãs. A partir do texto de João 6.1-15 - a multiplicação dos pães - a autora nos traz referenciais teóricos e práticos dos saberes, conhecimentos e protagonismos das crianças. Também fornece uma proposta de exegese e hermenêutica do texto bíblico citado na perspectiva das crianças.

R\$ 10,50 + Frete

O uso da vara na educação das crianças

Não é fácil refletir sobre o ato de educar as crianças sem bater nelas, seja por meio de palmadas, varadas ou outros tipos de agressões físicas, pois muitas pessoas adultas ditas conscientes são favoráveis a uma varadinha, tapinha ou palmadinha de leve para "despertar o espírito das crianças", ou à ideia de que criança precisa apanhar para aprender.

R\$ 7,00 + Frete



CEBI.ORG.BR